

UM CONVITE PARA GENERIFICAR O ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

DRA. ILEANA WENETZ

Doutora em Ciências do Movimento Humano pela Universidade
Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Professora do Centro de Educação Física e Desportos e do Programa de Pós-
Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

DRA. PRISCILA GOMES DORNELLES

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Professora do Curso de Licenciatura em Educação Física e do Mestrado
Profissional em Educação do Campo do Centro de Formação de Professores da
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB

Resumo | Considerando as contribuições dos estudos feministas em uma abordagem pós-estruturalista, propomos discutir como o gênero funciona enquanto categoria teórico-política importante na educação física escolar. A partir dela, propomos caminhos pedagógico-metodológicos para um currículo generificado, com o alargamento do que conta como humano nos componentes do estágio em formação inicial de professores/as de educação física. Assim, acionamos algumas situações pedagógicas relatadas pelos/as estudantes durante a regência nestes componentes em instituições brasileiras de ensino superior para problematizar a vida escolar e a necessidade de uma formação política e pedagógica nesse nível, ou, de modo mais direto, uma formação generificada.

Palavras-chave | Gênero; Estágio Supervisionado; Formação.

AN INVITATION TO GENDERIZE THE TRAINEE PROGRAM IN PHYSICAL EDUCATION TEACHER TRAINING

Abstract | Considering the contributions of feminist studies in a post-structuralist approach, we propose to discuss how gender works as an important theoretical-political category in school physical education. From it, we propose pedagogical-methodological approach to deal with a genderized curriculum connected to the expansion of what entails human being in the internship components for an initial training of physical education teachers. Thus, we triggered some pedagogical situations reported by students during the conduct of these components in Brazilian institutions of higher education to problematize school life and the need for political and pedagogical training at this level, or, more directly, generalized training.

Keywords | Gender; Supervised Training; Training.

UNA INVITACIÓN PARA GENERIFICAR LA PRACTICA DE LA ENSEÑANZA EN LA FORMACIÓN DE PROFESORES/AS EN EDUCACION FÍSICA

Resumen | Considerando las contribuciones de los estudios feministas en un enfoque postestructuralista, proponemos discutir cómo funciona el género como una categoría teórico-política importante en la educación física escolar. A partir de él, proponemos caminos pedagógico-metodológicos para un currículum genérico, con la extensión de lo que cuenta como humano en los componentes de la práctica de la formación inicial de profesores de educación física. Por lo tanto, desencadenamos algunas situaciones pedagógicas informadas por los estudiantes durante la realización de estos componentes en las instituciones de educación superior brasileñas para problematizar la vida escolar y la necesidad de capacitación política y pedagógica a este nivel, o, más directamente, capacitación generalizada.

Palabras clave | Género; Práctica de la Enseñanza; Formación.

E VAMOS AO CONVITE...

Um convite é sempre uma comunicação curta, endereçada. Aponta um lugar, um tempo e partilha quem assina. Um convite é um chamado, uma proposta de partilha de algo que compõe a vida. Seguindo

este roteiro de convite e endereçamento, compusemos este texto a fim de convocar, convidar, solicitar a presença e buscar a aliança de leitores/as na tarefa de generificar o estágio na formação de professores/as em Educação Física (EF).

Consideramos o estágio como um processo fundamental na formação inicial de professores/as. Entendemos que este componente conecte experiência formativa com prática pedagógica num centro de formação de professores/as. O texto se vale do convite para uma atuação docente pedagógica e política em EF, substanciada, dentre outros momentos formativos, pelos componentes destinados ao estágio na formação inicial de professores/as. Do ponto de vista político, vemos o gênero como uma categoria social que afeta as aulas da disciplina de EF, a escola e a vida.

Confirmamos a opinião com algumas cenas escolares e situações pedagógicas vividas no exercício docente durante o estágio, relatadas por estudantes dos cursos de licenciatura em que atuamos ao longo dos últimos anos.¹

Analisamos tais cenas a partir de uma perspectiva feminista, que dialoga com o pós-estruturalismo, que considera gênero uma categoria social constituída nas tramas do saber/poder, bem como constituidora da modernidade. Por fim, retomamos o convite de diálogo-aliança com leitores/as para outras conversas sobre a experiência-proposta de generificar o estágio na formação de professores/as.

EXPERIMENTAÇÕES DO ESTÁGIO: TEMPO(S) E LUGAR(ES) GENERIFICADO(S) E GENERIFICADOR(ES)

Para pensar nas possíveis experiências que acontecem no estágio, precisamos entender não só o conceito de gênero, mas como ele opera. É um conceito que se refere a construções de ordem social, cultural e linguística, que operam na produção de modos de in/inteligibilidade, da

1. Incluindo, os cursos da Universidade Federal de São Carlos (Ufscar), da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

definição do que seja um corpo im/possível. Tais construções, no plano heteronormativo, tratam homens ou mulheres como se fossem biologicamente determinados. Essa concepção de gênero, embebida em estudos feministas e *queer*, afirma que a assunção da categoria gênero é efetiva a partir de proposições políticas em seu exercício social. Nosso convite para generificar a formação docente em EF passa pela possibilidade de politizar a prática docente a partir dessa categoria.

Compreender o gênero como uma construção social normativa permite utilizá-lo como ferramenta tanto conceitual, analítica, quanto política, identificando como ela se constitui socialmente, mas também como ela funciona para propor a sua desconstrução.

Para compreender nossa assunção e como a vida não fica de fora ‘do estágio’, é significativo questionar: pode-se escapar do gênero?

Judith Butler (2015, s.p.) explica que, “[...] na verdade, não. Mesmo que às vezes possamos e que por vezes nos vejamos fora de suas normas, sempre nos relacionamos com aquilo pelo qual somos chamados, interpelados”. A autora destaca que “podemos recusar e mudar gêneros, tentar viver fora das normas, mas lidamos com um mundo social que vai desafiar isso. Mesmo a quebra mais radical de gênero tem de lidar com instituições, discursos e autoridades que buscarão designações pelo gênero”²

Assim, gênero é uma heteronorma que organiza a vida e as instituições, pautando a in/viabilidade do que conta como humano com base em sexo, entendido como elemento primário para a inteligibilidade e a elegibilidade das referências do humano, do que pode ser socialmente lido como sujeito. Assim, “haverá dois sexos, distintos e uniformes, e eles vão se expressar e se tornar evidentes no gênero e na sexualidade de modo que qualquer manifestação social de não identidade, descontinuidade ou incoerência sexual será punida, controlada, repudiada, reformada” (BUTLER, 2008, p. 97).

2. Entrevista - *Sem medo de fazer gênero: entrevista com a filósofa americana Judith Butler* - concedida a Úrsula Passos. Folha de São Paulo, 20 set. 2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/09/1683172-sem-medo-de-fazer-genero-entrevista-com-a-filosofa-americana-judith-butler.shtml>. Acesso em: 12 mai. 2020.

A heteronormatividade compõe uma premissa do sexo, bem como uma linearidade dele decorrente. Ou seja, macho ou fêmea se determina a partir do sexo, em decorrência de um gênero - masculino ou feminino. Gêneros opõem-se por características hegemônicas. Sucessivamente, há uma naturalização do desejo pelo “sexo oposto”, compondo uma essencialização da homossexualidade. Esta é a produção incessante de um sujeito, possível desde que o sujeito seja generificado como binário e, naturalmente, homossexual. Tal produção, na modernidade, interfere nas tramas das relações entre gênero, sexualidade e biopolítica.³ Guacira Louro (2004) e Dagmar Meyer (2004) têm evidenciado, de diferentes modos, no campo acadêmico das últimas décadas, as relações entre gênero, sexualidade e educação de forma teórica e política. Já, na EF, discutimos como gênero e sexualidade atravessam as aulas e a escola em distintas produções.⁴ A partir dessa trajetória, acionamos uma prática pedagógica nos componentes do estágio nos cursos de licenciatura em EF das instituições de ensino superior em que atuamos, pautando a categoria gênero como organizadora da vida na modernidade; daí o convite a generificar o estágio.

FORMAÇÃO PEDAGÓGICO-POLÍTICA DURANTE O ESTÁGIO: PISTAS PARA UMA ATUAÇÃO DOCENTE GENERIFICADA NA EF ESCOLAR

A partir de nossas experiências docentes em diferentes tempos do estágio nas instituições de ensino superior nas quais atuamos, as hierarquias e, portanto, as desigualdades de gênero na EF escolar se colocam como problemas políticos e pedagógicos. Apresentamos algumas situações recorrentes, relatadas por estagiários/as, como problemas pedagógicos na área. Escolhemos algumas situações por sua recorrência.

3. Sugerimos o artigo *Gênero, sexualidade e biopolítica: processos de gestão da vida em políticas contemporâneas de inclusão social*, de Maria Claudia Dal’Igna (et al., 2019), para aprofundar o entendimento dessa relação entre gênero, sexualidade e biopolítica na contemporaneidade, incluindo o campo da educação e suas instituições.

4. Evidenciamos, principalmente, nossas produções em nível de mestrado e doutorado, a saber: Wenzel (2005, 2012) e Dornelles (2007, 2013).

Primeiramente, apontamos a generificação da EF escolar como trama desigual para as meninas. Os espaços e os materiais destinados às aulas são naturalizados pela comunidade escolar como próprios para os meninos e/ou inadequados para meninas. Além disso, a separação de meninos e meninas nas aulas, fato ainda comum na atualidade, é uma prática pedagógica promovida por docentes e/ou pleiteada pelos/as estudantes das escolas. Contudo, está majoritariamente alicerçada em concepções de gênero, que refletem e constituem a masculinidade hegemônica como referência nas aulas e a feminilidade, como um problema (DORNELLES, 2018). Transcrevemos de nossos relatórios:

Durante o acompanhamento das aulas ficava me perguntado por que só os meninos participavam dos jogos. Isso me incomodava bastante, pois, durante a minhas aulas no ensino médio, tínhamos os mesmos problemas. Como sempre gostei de participar das aulas, e em minha escola as aulas eram mistas, para participar das aulas tinha que jogar junto com os meninos, ou juntar as poucas meninas que jogavam e fazer um jogo. Por isso, resolvi fazer o caso de ensino sobre a relação de gênero na escola, porque as meninas ficam na arquibancada enquanto os meninos ficam na quadra (Rel. do Est.⁵, 2015, p. 28).

Após a explicação, partiu para o conteúdo procedimental, iniciado pela ida até a quadra, organização em fila e separação das equipes independente do gênero, ou seja, meninas e meninos compunham a mesma equipe. A atividade se desenvolveu durante a maior parte da aula, com predomínio da posse de bola por parte dos meninos, enquanto poucas meninas conseguiam arremessar. Após cerca de 30 minutos, a professora encerrou a atividade e deixou a parte final da aula para os meninos jogarem futebol e as meninas, participarem de outros jogos como tênis e jogos de cartas (Rel. de Est.⁶, 2016, p. 57).

As situações pedagógicas registradas nos relatórios finais do estágio evidenciam uma compreensão binária que pauta primeiramente a in/inteligibilidade dos corpos e, em seguida, de modo decorrente, as im/possibilidades de vivência e aprendizagem com/sobre a cultura corporal. Só o domínio da heteronormatividade poderia fornecer uma explicação binária a ponto de afetar as práticas pedagógicas. Binarismo supõe um tipo

5. Estágio no ensino médio na UFSCar.

6. Caso no sexto ano do ensino fundamental da Ufes.

de masculinidade hegemônica como referência. Em decorrência disso, outras masculinidades são, em geral, destituídas de atenção pedagógica e política, pois estão aquém da referência viril, forte, competitiva dos corpos masculinos, considerados “apropriados” para este componente escolar. Como efeito, temos esta disciplina que propõe pedagogias distintas, opostas e/ou impossíveis para alguns corpos, as quais, inclusive, garantem a possibilidade de conteúdos distintos e únicos - ou para meninos ou para meninas.

Considerando o convite proposto e as possibilidades de provocação de parte de leitores/as, pesquisadores/as e, fundamentalmente, de professores/as, apontamos algumas pistas para compor uma experiência docente político-generificada no estágio e, especificamente, na EF escolar, com vistas à promoção de práticas pedagógicas mais igualitárias.

a) Analisar, identificar e problematizar como se dá a produção das normas de gênero na sociedade, na instituição escolar e em cada turma, e como ela opera, pois, as micropolíticas funcionam de determinados modos e com suas peculiaridades institucionais, inclusive de gênero. Assim, é fundamental questionar os modos generificados adotados e que sentidos se perdem em cada contexto pedagógico.

b) Desconstruir as estruturas generificadas e binárias que explicam a vida e as aulas de EF, bem como a maneira como organizam as práticas pedagógicas, as metodologias docentes e a disposição física dos espaços e dos materiais deste componente escolar. A tarefa política da docência generificada é implodir a lógica binária como único modo legítimo de fundamentar a vida, os corpos e de produzir o (não) acesso aos conteúdos da cultura corporal. Para isso, é fundamental desconstruir as definições do que é destinado a meninos e a meninas, das cores ao desempenho em algumas práticas dos conteúdos da cultura corporal, das expectativas de desempenho escolar às sociais. A desconstrução desse tipo de estrutura e a assunção da diferença como processo no exercício pedagógico é um passo importante.

c) Ampliar a oferta de conteúdos de cultura corporal, multiplicando experiências e aprendizagens com cada elemento, tensionando as

generificações historicamente constituídas na cultura binária, como, por exemplo, futebol para meninos e dança para meninas.

d) Constituir práticas pedagógicas que não enfatizem a separação entre meninos e meninas como única possibilidade de organização das aulas, visto que as relações harmônicas entre uns e outras, entre sujeitos não identificados com estas expressões binárias de gênero, devem constituir compromisso para uma docência politicamente comprometida com a produção de uma sociedade igualitária.

e) Problematizar os modos de compreender o que conta como humano e que se admita a naturalização da heterossexualidade como efeito do pensamento binário e da assunção do sexo como referente do gênero, e com eles romper. Considerando a linearidade e a decorrência constituída pela heteronormatividade com base no sexo binário, temos uma proposição de macho/fêmea como referência de gênero, considerando-se masculino/feminino como naturalmente opostos e complementares no campo do desejo. Assim, para dissociar gênero e desejo de sexo é preciso constituir espaços de discussão em que se afirmem como válidas as diferentes expressões dos corpos no campo do desejo, em relação de igualdade, identitária ou não. Podem-se constituir diálogos formativos e produtivos a partir de uma política pedagógica junto a movimentos sociais organizados, de luta pelo direito à expressão de gênero e de sexo.

f) Fortalecer a participação política de estudantes na composição das suas organizações estudantis. Estes espaços devem incluir, em suas pautas sociais, a discussão sobre as relações de gênero.

g) Verificar a linguagem utilizada nas aulas e os modos de produzir e reificar o binarismo de gênero. Analisar previamente o uso de cores, de materiais pedagógicos e artefatos culturais, propondo os que ampliem o repertório sobre os corpos e os modos de ser como humanidade, tais como: fotografias, músicas, filmes e imagens, dentre outros.

h) Buscar a articulação com movimentos sociais que acionem o gênero como categoria política, em articulação com outras categorias, como raça, classe, sexualidade, de modo a promover uma prática pedagógica interseccional para se compreender a realidade social. O feminismo

negro, as perspectivas decoloniais, os estudos da educação do campo têm acionado proposições importantes para tensionar o que conta como conhecimento e como humano na modernidade.

DE UM CONVITE PERENE...

A partir deste convite-texto, assumimos que os componentes do estágio nos cursos de licenciatura em EF precisam ser pautados pela assunção de categorias sociais que impliquem uma atuação docente pedagógica e politicamente qualificada, com foco na construção de uma sociedade mais igualitária. Uma formação com perspectiva de atuação docente comprometida com a desconstrução e a ruptura das estruturas do racismo, da colonialidade, do heterossexismo e do sexismo na modernidade, implodindo a ideia neutra de humanidade, para, com isso, disputar concepções inteligíveis e elegíveis que definam o que seja e o que possa um corpo na EF escolar, na escola e na vida em sociedade.

Compreendemos que nosso convite não se esgota. Ele precisa ser constantemente renovado como parte dos processos que nos conformam como professores/as na prática profissional com nossos/as alunos/as. É preciso fazer do exercício docente nossa possibilidade de atuação política e pedagógica, estruturando uma educação mais igualitária.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. Inversões sexuais. In: PASSOS, I. C. P. (Org.). **Poder, normalização e violência**: incursões foucaultianas para a atualidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2008. p. 91-108.

DORNELLES, P. G. **Distintos destinos? A separação entre meninos e meninas na educação física escolar na perspectiva de gênero**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

DORNELLES, P. G. **A (hetero)normalização dos corpos em práticas pedagógicas da educação física escolar**. 2013. Tese (Doutorado em Educação)

– Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Faculdade de Educação - Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2013.

DORNELLES, P. G. A feminilidade como “problema” na educação física escolar: notas a partir da separação de meninos e meninas. In: GENU, M.; ABREU, M. P.; TEIXEIRA, C. L. **Práticas corporais, cultura e diversidade**. Belém: Centro de Ciências Sociais e Educação da Universidade do Estado do Pará, 2018. p. 9-26.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2004.

MEYER, D. E. E. Teorias e políticas de gênero: fragmentos de histórias e desafios atuais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 57, n. 1, p. 13 -18, jan./fev. 2004.

WENETZ, I. **Gênero e sexualidade nas brincadeiras do recreio**. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano - Escola de Educação Física - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

WENETZ, I. **Presentes na escola e ausentes na rua**: brincadeiras de crianças marcadas pelo gênero e pela sexualidade. 2012. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano - Escola de Educação Física- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

Recebido: 11 agosto 2020

Aprovado: 05 novembro 2020

Endereço eletrônico:

Ileana Wenez

ilewenez@gmail.com